

Quatro décadas após o desaparecimento do escoteiro Marco Aurélio, série documental do Globoplay revisita o caso, revela novos elementos e acompanha a busca incansável da família por respostas

POR ANA CAROLINA ALVES

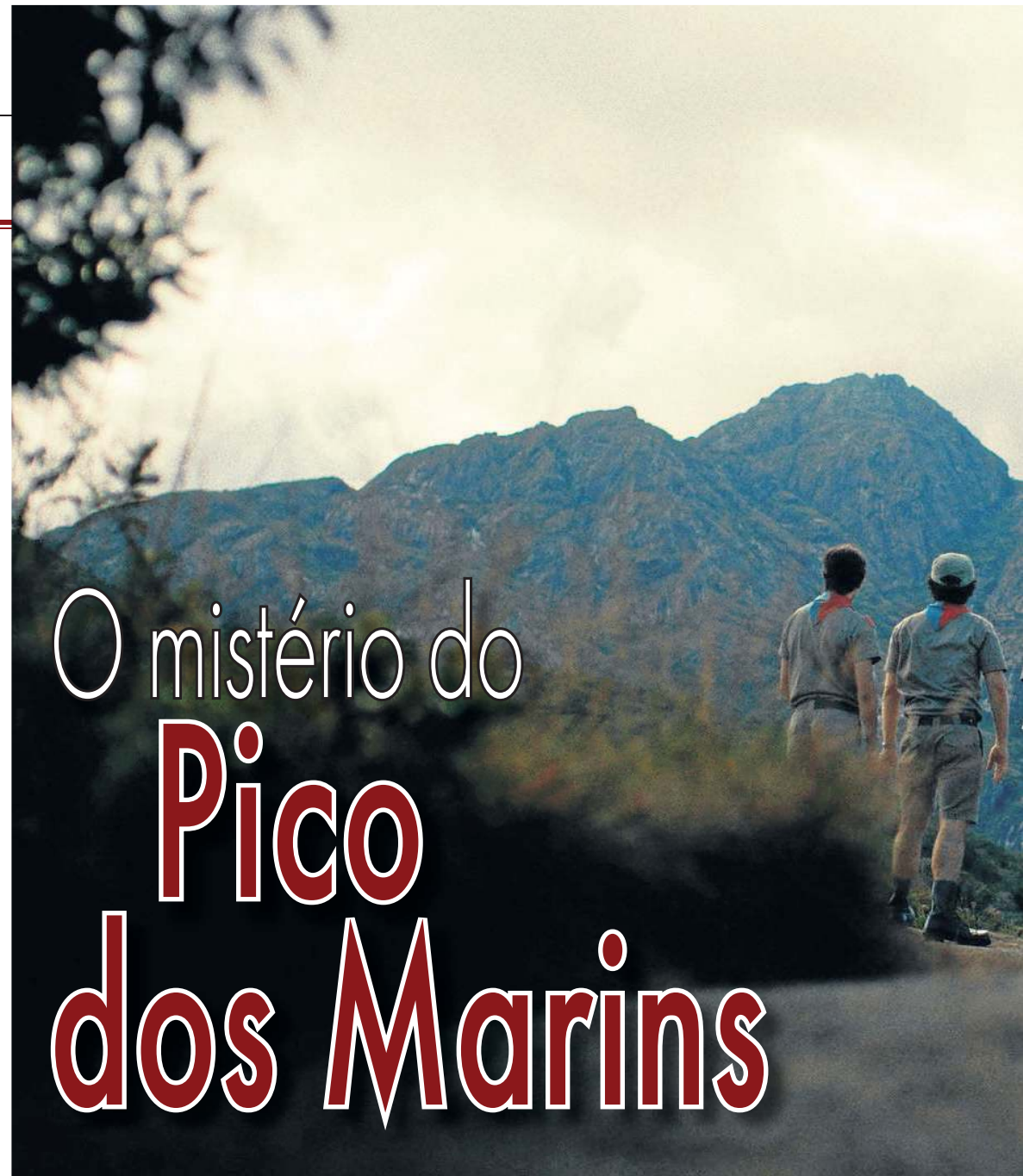
Em uma adaptação do podcast de mesmo nome, a série documental *Pico dos Marins: O caso do escoteiro Marco Aurélio* chegou ao Globoplay para revisitar um dos desaparecimentos mais emblemáticos e misteriosos do país. A produção reconstrói a história do adolescente de 15 anos que estampou os jornais em junho de 1985 e acompanha novas investigações que, mais de quatro décadas depois, ainda tentam oferecer respostas para o caso.

Marco Aurélio Bezerra Bosaja Simon tinha 15 anos quando, em 8 de junho de 1985, decidiu subir o Pico dos Marins, na cidade de Piquete, interior de São Paulo, com seu grupo de escoteiros. Durante a trilha, um dos integrantes se machucou, e Marco se ofereceu para descer sozinho em busca de ajuda. A decisão marcou o início de um dos maiores mistérios envolvendo desaparecimentos no Brasil. Desde então, ele nunca mais foi visto.

As buscas mobilizaram equipes de resgate, voluntários e moradores da região por dias. A área, localizada na Serra da Mantiqueira, é conhecida pelo terreno íngreme, pela vegetação densa e pelas mudanças bruscas de clima, fatores que dificultaram as operações. Apesar do esforço, nenhum vestígio concreto foi encontrado: nem corpo, nem roupas, nem sinais claros do trajeto feito pelo adolescente. A ausência de respostas abriu espaço para diferentes hipóteses ao longo dos anos, que vão desde desorientação e fuga até possibilidades nunca comprovadas, como sequestro e homicídio.

O caso teve grande repercussão na época, mas, com o passar dos anos, acabou se tornando mais um entre tantos desaparecimentos sem solução no país. Para a família, no entanto, o tempo nunca significou esquecimento. O pai de Marco, Ivo Simon, hoje com 88 anos, manteve ao longo de décadas uma rotina de buscas, contatos e tentativas de reabrir investigações. A persistência se tornou uma marca da história e um dos elementos centrais tanto do podcast quanto da série documental.

A história ganhou nova projeção em 2022, com o podcast *Pico dos Marins: O caso do escoteiro Marco Aurélio*, que ultrapassou a marca de 1 milhão de reproduções. A narrativa em áudio reacendeu o interesse público e trouxe à tona inconsistências, lacunas e detalhes pouco explorados da investigação original.



Agora, em 2026, o caso retorna em formato audiovisual, ampliando a experiência com imagens inéditas, encenações e registros dos locais onde tudo aconteceu.

“Eu descobri, no meio das gravações do podcast, na casa do seu Ivo, uma caixa cheia de rolinho Super 8 com arquivos da família. Levei para um laboratório e revelei. Para a minha surpresa, dentre os 16 rolinhos, tinha uns três do grupo Olivetano (escoteiros), com eles uniformizados, no sítio do seu Ivo, subindo montanha, acampando, tinha registros diversos da família, era um material lindo”, lembrou Marcelo Mesquita, autor e diretor das produções.

“Eu pensei: ‘se eu levar essa mesma câmera para a montanha, se eu achar uns garotos parecidos com aqueles que aparecem nos filmes e colocar o mesmo uniforme, talvez eu chegue muito próximo do que aconteceu e talvez o espectador não saiba diferenciar o que ele viu, o que é real e o que não é real’”, completou.

A escolha estética da série reforça justamente essa fronteira tênue entre reconstrução e memória. Ao misturar imagens de arquivo com encenações

feitas nos cenários reais, o documentário busca aproximar o espectador da experiência vivida pelo grupo em 1985, criando uma sensação de presença e, ao mesmo tempo, evidenciando as lacunas que ainda cercam o desaparecimento.

Busca por respostas

Ao longo dos episódios, o público acompanha não apenas a reconstrução dos fatos, mas o impacto prolongado do desaparecimento na vida da família Simon. Há 41 anos, a busca por respostas atravessa gerações, alimentada por novas pistas, relatos e, mais recentemente, por iniciativas como escavações e revisões investigativas acompanhadas pela produção.

Além das cenas de apoio, o documentário reúne depoimentos de familiares, amigos, escoteiros que participaram da expedição e pessoas envolvidas nas buscas da época. Para quem acompanhou o podcast, algumas entrevistas são familiares. Isso porque, segundo Mesquita, muitas delas já haviam sido